

# APRESENTAÇÃO

## Sistemas Partidários e Partidos Políticos Brasileiros: diagnósticos e perspectivas

***Maria do Socorro Sousa Braga***<sup>1</sup>

***Tiago Daher Padovezi Borges***<sup>2</sup>

Atualmente, qualquer parágrafo sobre o funcionamento dos nossos partidos políticos deve vir acompanhado com algumas ressalvas a respeito do momento que estamos atravessando. Sobre o período após as eleições de 2018 – que teve como vitorioso para o cargo presidencial um candidato de um pequeno partido, o Partido Social Liberal (PSL), e que contou com a renovação de parte significativa de nosso Congresso –, Jairo Nicolau (2018, [s. p.]) assim afirma em um artigo da Revista Piauí: “Realmente, estamos diante de um fenômeno eleitoral diferente de tudo que eu já tinha visto”. No mesmo texto, ao relatar a percepção geral entre os especialistas, o autor acrescenta tons dramáticos nas percepções que sucederam as eleições: “Restava falar da velha ordem política também com imagens de destruição. O sistema partidário estaria ‘em escombros’, ‘em ruínas’, teria vindo ao chão diante de uma ‘hecatombe’ de renovação” (NICOLAU, 2018, [s. p.]).

---

<sup>1</sup> Professora e Pesquisadora da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), [msbraga@ufscar.br](mailto:msbraga@ufscar.br)

<sup>2</sup> Professor e Pesquisador da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), [tiagodaher@gmail.com](mailto:tiagodaher@gmail.com).



**Direito autoral e licença de uso:** Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

Esse estado de pânico se justificava por dois acontecimentos: a eleição de Jair Bolsonaro (PSL), o crescimento do seu partido e de outros partidos menores nas casas legislativas. Trata-se de um resultado que rompe a usual polarização entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), que vivenciávamos desde 1994 e que conferia certa previsibilidade em nossas eleições nacionais. A centralidade dessa transformação é assim destacada por Sérgio Abranches (2019, p. 13): “O fim do ciclo PT-PSDB na presidência da República e a hiperfragmentação das bancadas desorganizaram completamente o jogo político-partidário que assegurou a estabilidade democrática e o funcionamento do presidencialismo de coalizão por quase um quarto de século”. Logo, embora amenizando os tons de pânico que sucederam as eleições, é inegável que estamos experimentando um momento de mudança, que tem implodido com algumas regularidades que estávamos identificando.

Este dossiê foi produzido durante essa profunda transformação do nosso sistema político. E seus esforços de investigação foram calcados em dinâmicas e padrões que antecederam 2018. De certo modo, é possível afirmar que, apesar de 2018 ter surpreendido, ele não veio “do nada”. Nesse sentido, os artigos aqui contidos tratam de questões centrais do funcionamento de nossos partidos políticos, envolvendo a discussão sobre as suas diferenças ideológicas, o modo como esses têm selecionado candidatos e incluído determinados grupos e as persistências e transformações na competição eleitoral. Assim, trata-se de um volume que agrega contribuições de diferentes “faces” do funcionamento de nossos partidos, que tocam em questões de extrema relevância para compreender nosso sistema político.

De maneira geral, tanto mudanças quanto regularidades são contempladas nos artigos aqui reunidos. Em relação às “movimentações”, os artigos “Pequenos Partidos e as disputas eleitorais no Brasil: uma análise de desempenho do período 1998-2014”, de Leonardo da Silveira Ev, e “O surgimento do PSD e o sistema partidário brasileiro”, de Sérgio Simoni Jr., Ricardo Mendes Ribeiro, tratam da criação de novos partidos e seus impactos no sistema partidário brasileiro. Já no trabalho “Conhecendo o vazio: congruência ideológica e partidos políticos no Brasil”, de Bruno Bolognesi, Flávia Roberta Babireski e Ana Paula Maciel apontam uma importante persistência nesse processo: a ausência de nítidas diferenças ideológicas

entre os partidos brasileiros. Ou seja, apesar da criação de novos partidos, há reduzida diferença no posicionamento dos partidos, tanto quando se olha para os programas partidários quanto para a opinião dos especialistas.

Pensando nas regularidades, é importante destacar que alguns trabalhos aqui reunidos apresentam evidências que os principais partidos políticos brasileiros usufruíam de certa centralidade nas carreiras dos deputados, como demonstram Vítor Eduardo Veras de Sandes Freitas, Diarlison Lucas Silva da Costa, em “Partidos políticos importam na definição de carreiras políticas no Brasil?”. Já “Prosopografia dos deputados federais peessedebistas e petistas eleitos em 1994 e 2002”, de Guilherme Leite Ribeiro, Maria Celina Soares D’Araujo, destaca as diferenças de trajetórias dos candidatos dos mais centrais partidos políticos até então. Portanto, tais estudos mostram que, embora existissem embasadas desconfianças em relação ao funcionamento de nossos partidos, alguns deles se mostravam relevantes na escolha dos atores políticos.

Contrariando algumas expectativas de que nosso sistema eleitoral promoveria disputa entre candidatos de um mesmo partido, os autores Cíntia Pinheiro Ribeiro de Souza, Luís Felipe Guedes da Graça, em “Competição intrapartidária nas eleições para deputado federal: Um estudo exploratório sobre São Paulo em 2014”, identificam que a esperada competição intrapartidária não ocorre de maneira pronunciada e sinalizam a existência de uma heterogeneidade de estratégias por parte dos candidatos e partidos políticos. Ou seja, é possível afirmar que o quadro identificado aponta que a competição eleitoral brasileira estava longe de ser caótica e individualizada, existindo diferentes estratégias, nas quais os partidos políticos tinham relevância no cálculo dos candidatos.

E, finalmente, no original artigo “Estabilidade na mudança: famílias de partidos e a hipótese do congelamento do sistema partidário no Brasil (1982-2018)”, Fernando Guarnieri verifica se a clássica hipótese de Lipset e Rokkan (1967), segundo a qual o sistema partidário europeu havia se congelado em clivagens políticas, se aplicaria ao caso brasileiro. Para isso, classifica os partidos em famílias conforme sua ideologia e origem. Guarnieri conclui que essa hipótese se aplica também ao Brasil, onde identifica que houve relativa estabilidade das famílias ideológicas. E essa constatação

revela o quão relevantes têm sido os nossos partidos na estruturação de vínculo programático entre eleitor e liderança política.

Como podemos perceber, as contribuições deste dossiê são muito importantes para conhecermos ainda mais o funcionamento dos nossos partidos políticos contemporâneos e nos motivam – considerando essas circunstâncias de mudança de ciclo político comandado por outro grupo ideológico – a pensar em novas agendas de pesquisa para avaliarmos como as organizações partidárias e os agentes políticos conseguirão se adaptar aos novos tempos.

Boa leitura a todos!

## Referências

- ABRANCHES, S. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. *In*: ABRANCHES, S. (Org.). **Democracia em Risco?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Cia das Letras, 2019. p. 11-32.
- NICOLAU, J. O triunfo do bolsonarismo. **Revista Piauí**, [s. l.], n. 146, [s. p.], nov. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-triunfo-do-bolsonarismo/>. Acesso em: 10 set. 2019.